

FILIPe FIGUEIREDO
PAULA GOMES MAGALHÃES

ALÍPIO PADILHA
A LIBERDADE DAS IMAGENS
PELOS LIMITES DO CORPO
e DO MOVIMENTO



ALÍPIO PADILHA

A LIBERDADE DAS IMAGENS, PELOS LIMITES DO CORPO E DO MOVIMENTO

No princípio não era a fotografia (embora “ela” sempre tenha estado lá, de múltiplas formas). No princípio era o jornalismo – um jornal em Penacova, as rádios, primeiro piratas e depois locais, e a formação no CENJOR, em Lisboa –, depois veio o emprego na administração pública, na ilha da Madeira, como oficial de justiça, e só depois a fotografia começa a assumir a primazia, a irromper do lugar secundário onde até então se mantivera, à espera que chegasse o seu momento. A fotografia sempre fizera parte do universo de Alípio Padilha, através das fotografias que a avó mandava tirar da filha (a mãe de Alípio) ao fotógrafo local, das *polaroids* do namoro dos pais, das fotografias que complementavam as notícias do jornal, mas foram as incursões na natureza, com David Francisco, fotógrafo do Parque Natural da Madeira, e outros entusiastas da fotografia, que o ato de carregar “aos ombros” uma máquina e com ela captar a essência de um espaço (no caso, um espaço natural) se tornou uma prática comum. Depois da paisagem natural, a descoberta de um prazer maior, o de fotografar pessoas, através dos registos que começa a fazer de eventos e sobretudo de espetáculos musicais.

Já em Lisboa, em 2004, começa a fotografar (ainda de modo não profissional) espetáculos do Teatro da Garagem (na altura, já instalado no Teatro Taborda) e também do GTN – Grupo de Teatro da Nova, um coletivo de teatro académico, da Universidade Nova de Lisboa, sediado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Pelo meio, vê as suas fotografias realizadas no concerto de Sérgio Godinho, ao vivo no Maria Matos, editadas no disco *Nove e Meia* (2008), tornando-se assim o seu primeiro trabalho profissional. A partir daqui, a pouco e pouco, a fotografia começa a “invadir” de forma avassaladora a vida de Alípio Padilha.

Continua a registar em imagem os muitos trabalhos do GTN – coletivo que, de alguma forma, acaba por moldar a vida de Alípio Padilha enquanto fotógrafo de artes performativas –, avançando depois para voos mais arriscados, com os trabalhos do Teatro Praga, d’A Tarumba (e depois também do FIMFA – Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas), do Teatro Nacional D. Maria II (durante a direção de Diogo Infante e uma parte da direção de João Mota), Temps d’Images, SillySeason ou das *performances* apresentadas na Rua das Gaivotas 6, espaço que fotografa desde a inauguração, em 2015.

Se no princípio da fotografia era o teatro que dominava, ainda com algumas incursões pela música, atualmente Alípio Padilha tem-se dedicado de modo mais intensivo à *performance*, à dança e às formas animadas (sobretudo através do trabalho que tem realizado no FIMFA). Mas foi sempre no lado pouco (ou nada) convencional, como podem ser classificadas muitas produções do GTN – que continua a assumir-se como “espaço de criação, de experimentação e liberdade” –, ou do Teatro da Garagem, ou a dimensão performativa da música, como no caso dos concertos dos Mão Morta a partir da obra *Cantos de Maldoror*, que encontrou maior estímulo.

Perspetivando a sua carreira, parece ser entre os contextos mais alternativos, sejam eles do teatro, da dança, da *performance* ou até da música, que foi desenvolvendo a sua atividade como fotógrafo e encontrando maior afinidade.

É porventura essa proximidade com contextos de criação diferenciados e em espaços não convencionais, como sejam garagens (como acontece com o GTN), armazéns e antigos edifícios (como a Latoaria) ou novas salas adaptadas à prática performativa (como a Rua das Gaivotas 6) que permite a Alípio Padilha desenvolver uma linguagem fotográfica própria e livre, muito embora defenda que a sua fotografia deve servir os trabalhos de criação que lhe dão origem, ou seja, revelar ou refletir aquilo que vê em “palco”.

Uma das marcas mais imediatas do seu trabalho é sem dúvida a preferência pela imagem a cor, trilhando apenas muito pontualmente os caminhos da fotografia a preto e branco. Não por qualquer aversão a uma estética do preto e branco, mas precisamente porque a cena a que se reporta tem uma dimensão cromática, revelando, aí, a sua vontade de não se distanciar daquela matriz criativa. É, pois, no espectro da cor que compõe as suas imagens e dentro dos limites dos seus cambiantes que formula a sua linguagem de um modo tão próprio, que torna possível reconhecer o seu olhar nas muitas imagens que produz ao longo dos anos.

Ao prazer de fotografar pessoas (preexistente antes do teatro e da *performance*), juntou-se o prazer de fotografar os limites do corpo, do movimento e da ação, sempre de modo não intrusivo, para não interferir no espetáculo, mas de forma suficientemente próxima para poder captar os detalhes, uma essência que pode estar ainda por descobrir. Embora nem sempre seja possível, Alípio assume que o ideal

é estar no meio do espetáculo (vestido de preto, para não ser visto nem sentido), poder circular livremente por algo do qual não faz parte, mas cujo posicionamento permite trazer à superfície imagens (que estão lá) que de outra forma não seriam percebidas.

Essa proximidade é provavelmente favorecida pela natureza dos “palcos” em que fotografa, quase sempre ao mesmo nível do público, sem barreiras e também pelas relações pessoais que estabelece com os criadores. Daí, uma ideia de cena permeável ao recorte, ao detalhe. É talvez aqui que Alípio se destaca, conjugando com uma particular sensibilidade a luz e a sombra e a cor das cenas, que enquadra com ligeireza e rigor.

Nunca fugindo à cena, Alípio procura-a nos detalhes, nos seus reflexos, compõe a sua imagem com os artifícios de fotógrafo, entre o foco e o desfoque, entre os fluxos arrastados de movimentos vigorosos e a sua imobilização bem geometrizada. Igualmente respeitando a luz e a cor, explora ora a sua suavidade ora a sua vibração cromática intensa.

Mas, provavelmente, o que pontua o seu trabalho é a permanente tentação de fazer irromper na ordem da imagem o breve desalinho, o inesperado, e uma ideia de espetáculo em que a própria imagem se transforma, sempre banhada por uma estética elegante e refrescante em que laivos de uma visão cinematográfica tendem a raiar. ::



↑ *Carlo X Carlo*, j.a.m. Dance Theatre, Teatro Taborda, 2006.

↓ *Blame Beckett*, a partir de Samuel Beckett e outros artistas, dir. Diogo Bento, GTN - Grupo de Teatro da Nova, 2007.





Comédia em Três Actos, texto e encenação de Carlos J. Pessoa,
Teatro da Garagem, Teatro Taborda, Lisboa, 2007, (Carla Bolito e Fernando Nobre).



↑ **Sonho de Uma Noite de Verão**, a partir de William Shakespeare e Henry Purcell, Teatro Praga, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2010, (Ana Quintans).

← **Maldoror**, Mão Morta, Culturgest, Lisboa, 2008, (Adolfo Luxúria Canibal).



← **Sonho de Uma Noite de Verão**, direção artística, Luís Vieira e Rute Ribeiro,
A Tarumba – Teatro de Marionetas, Museu da Marioneta, Lisboa, 2010,
(Raquel Monteiro).

↓ **Um Eléctrico Chamado Desejo**, de Tennessee Williams, encenação de Diogo Infante,
TNDMII, Lisboa, 2010, (Albano Jerónimo).



Las Tribulaciones de Virgínia, Hermanos Oligor (Espanha),
FIMFA, Museu da Marioneta, Lisboa, 2010.



← *Mar Português*, direção de May Joseph, Harmattan Theater, Terreiro do Paço, Lisboa, 2012, (Sofia Varinô).

↓ *Kefar Nahum*, Mossoux-Bonté (Bélgica), FIMFA, TNDM II, Lisboa, 2013.





A Tempestade, a partir de William Shakespeare e Henry Purcell, Teatro Praga, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2013, (Cláudia Jardim e restante elenco).

After, Um Delirium Fora de Horas, texto de Nelson Guerreiro e direção de Martim Pedroso, Nova Companhia, Teatro do Bairro, Lisboa, 2014, (João Telmo, Miguel Damião, Sofia Soares Ribeiro, Nuno Gil, Inês Sobral).



↑ **T-Rex**, SillySeason, DNA Lisboa, 2014, (Cátia Tomé).

↓ **A Cidade**, Olga Roriz, Teatro Camões, Lisboa, 2015, (São Castro).



← *Propriedade Privada*, Olga Roriz, Teatro Rivoli, Porto, 2015,
(Bruno Alexandre, Carla Ribeiro).

↓ *Tear Gas*, de Pedro Penim, Teatro Praga, Culturgest, Lisboa, 2015, (Pedro Penim).





↑ **Paradiso**, a partir de Dante Alighieri [poema] e Gustave Doré [gravuras], Karnart, Gabinete de Curiosidades Karnart, Lisboa, 2016, (Marco Patrocínio).

→ **Purgatório**, a partir de Dante Alighieri [poema] e Gustave Doré [gravuras], Karnart, Gabinete de Curiosidades Karnart, Lisboa, 2016, (Mónica Garcez).



↑ **Medo a Caminho**, de Rui Catalão e Luis Leonardo Mucauro, Latoaria, Lisboa, 2016, (Luís Leonardo Mucauro).

→ **Suspensão**, de Clara Andermatt, Jonas Runa e António Sá-Dantas, Companhia Clara Andermatt, CCB - Pequeno Auditório, 2017, (Clara Andermatt).





Outcast, criação e direção de Julieta Aurora Santos, Teatro do Mar, Sines, 2017, (Francisco Rolo e Diletta Bindi).



↑ **Jungle Red**, Carlota Lagido, Teatro Ibérico, 2018, (Bruno Senune, Guilherme Pompeu, Joana Castro, Xana Novais).

↓ **A Cara que a Realidade Merece**, direção Ana Ribeiro e António Duarte, Divas Iludidas, Rua das Gaivotas 6, Lisboa, 2018, (Ana Ribeiro).





↑ **Antes**, de Pedro Penim, Teatro Praga, Teatro Trindade, 2017, (Temps D'Images).

→ **Jangal**, Teatro Praga, São Luiz, Teatro Municipal, Lisboa, 2018, (Jenny Larue).



Entrevistas, de Tiago Cadete, Rua das Gaivotas 6, Lisboa, 2018, (Tiago Cadete).



A Meio da Noite, de Olga Roriz, Teatro Nacional São João, Porto, 2018, (André de Campos).



↑ *Último Slow*, de Rui Catalão, Salão de festas do Vale Fundão, Marvila, Lisboa, 2018, (Joãozinho da Costa e Catarina Keil).

↓ *Hearing*, de Amir Reza Koohestani, Festival Temps d'Images, Teatro Nacional D. Maria II, 2018, (Ainaz Azarhoush).





Banda Sonora, de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo, Teatro do Eléctrico,
São Luiz, Teatro Municipal, Lisboa, 2018, (Márcia Cardoso, Ana Valentim, Rita Cruz).

→ **Sujeito**, de Andresa Soares, Mathieu Ehrlacher e Gonçalo Alegria, PENHA SCO, Lisboa, 2020, (Mathieu Ehrlacher e Andresa Soares).

↘ **Dueto**, de Diana Niepce, Mercado Forno do Tijolo, Lisboa, 2020, (Diana Niepce e Hugo Cabral Mendes).

↓ **A Minha Pátria é a Minha Revolução**, Tiago Vieira, One - Your First Stop, Marvila, Lisboa, 2018, (Tiago Vieira).





Underdog, de André Campos, Rua das Gaivotas 6, Lisboa, 2020, (André Campos).



Arranjo Floral, de Filipe Pereira, Rua das Gaivotas 6, Lisboa, 2020, (Filipe Pereira).



↑ *Fora de Campo*, SillySeason, Teatro Taborda, Lisboa, 2020, (Érica Rodrigues e Ana Moreira).

↓ *Folle Époque*, SillySeason, Centro Cultural de Belém, Lisboa, 2020, (Ricardo Teixeira, Rodolfo Major e Teresa Coutinho).



Moby Dick, de Plexus Polaire, FIMFA – Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas,
Teatro Municipal D. Maria II, 2021.





A Voz Humana, de Jean Cocteau, criação de Patrícia Andrade e David Pereira Bastos,
Loulé, 2021, (Patrícia Andrade).



Approach and Enter, de Vânia Rovisco, Appleton – Associação Cultural / Programa Atlas da Solidão, 2023.